

[SEGUROS I]

Intempéries no balanço

As preocupações com as mudanças climáticas e com catástrofes naturais atingiram o mercado de seguros, que somente nos seis primeiros meses de 2011 cobriu US\$ 60 bilhões em perdas, marca que supera as indenizações em todos os anos anteriores. Outro fato preocupante para as empresas do setor é que ainda faltam seis meses para o final do ano e a temporada de furacões na América do Norte ainda não terminou. Pior: está prevista para ser acima da média em quantidade e intensidade.

Em fórum realizado em São Paulo, em julho, o diretor de grandes riscos da Allianz Seguros, Angelo Colombo, advertiu que a atual precificação dos seguros para catástrofes não é mais suficiente para pagar perdas com desastres naturais.

Instituições internacionais têm feito estudos para quantificar possíveis custos para a indústria de seguros. A Air Worldwide, provedor de *software* de riscos de catástrofes, estima, por exemplo, que, se um furacão de grande proporção atingir a região sul de Nova Jersey e seguir em direção a Nova York, os ressarcimentos somariam até R\$ 110 bilhões.

Os desastres naturais do primeiro semestre arrasaram as expectativas das companhias para este ano. Elas já trabalham com a certeza de que as margens de lucro serão corroídas por pagamento de sinistros devido aos desastres naturais.

As enchentes na Oceania, na Ásia e na Europa contribuíram para destruir a esperada margem de lucro das empresas de seguros neste ano, o que deve fazer os preços aumentar em 2012, para repor as perdas. Em 2011, tornados e ciclones, nos EUA, devem gerar indenizações de aproximadamente US\$ 15,5 bilhões, três vezes superior à média para todo o ano, nas últimas duas décadas.

– POR DAVI CARVALHO



JUSTIN HOBSON

[SEGUROS II]

OPORTUNIDADE DE NOVOS PRODUTOS

De modo a aumentar e recuperar a capacidade de indenizar perdas, o setor tem buscado usar os eventos naturais como estímulo para o desenvolvimento de novos produtos e mecanismos de compensação no mercado financeiro, como a emissão de títulos Catastrophe bonds (Cats), que tem o objetivo de compartilhar com o mercado as perdas com eventuais catástrofes.

A cada ano, a indústria de seguros oferece novas coberturas mais específicas para casos de perdas relacionadas a chuvas, enchentes, secas e deslizamentos. Nas áreas de agricultura, energia, mineração e varejo estão os públicos-alvo dos novos produtos, que cobrem, por exemplo, falta ou excesso de chuva nas plantações e nas operações ligadas à mineração, baixa produção de energia ou alimentos e queda nas vendas causada por catástrofes naturais. (DC)

[EFICIÊNCIA I]

“CRESCER CUIDANDO”?

A defesa do meio ambiente e a busca pelo crescimento econômico, geralmente, são apresentadas como duas temáticas antagônicas, mas o documento *O Uso Eficiente de Recursos na América Latina: Perspectivas e implicações econômicas*, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), divulgado em junho, trata os dois assuntos de forma não excludente, sob a abordagem “crescer cuidando”.

O estudo defende a ideia de que o uso mais eficiente dos recursos hídricos, de solo e de energia pode exercer um papel fundamental para garantir a continuidade do desenvolvimento produtivo com competitividade e, ao mesmo tempo, ser uma ferramenta poderosa para promover a redução da pobreza e das desigualdades em países da América Latina.

A defesa da eficiência baseia-se na opinião de que uma utilização mais competente – minimizando desperdícios

– dos recursos daria competitividade industrial aos países estudados (Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai e Uruguai) e aperfeiçoaria o perfil da especialização produtiva e do tipo de inserção internacional das nações.

O “desenvolvimento sustentável” defendido no trabalho requer do Estado um papel de liderança, articulação, fomento, regulamentação e controle. Apesar da presença mais forte do Estado, o documento afirma que as políticas públicas por si só não são suficientes e devem ser implementadas promovendo cooperação público-privada e acordos com diversos atores envolvidos.

Reportagem à página 24, sobre o chamado efeito ricochete, menciona justamente o risco de a mera busca por eficiência servir apenas para promover o crescimento econômico, estimulando aumento do consumo, uso de recursos naturais e emissões de carbono – o que colocaria em xeque seus benefícios ecológicos e não melhoraria a qualidade